



HENRIQUE SOARES

**O ENSINO DO ESPORTE NA PERSPECTIVA DE
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE PÚBLICA
DE LAVRAS-MG**

LAVRAS – MG

2021

HENRIQUE SOARES

**O ENSINO DO ESPORTE NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA REDE PÚBLICA DE LAVRAS-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Graduação em Educação
Física.

Dr. Fabio Pinto Gonçalves Dos Reis
Orientador

**LAVRAS – MG
2021**

HENRIQUE SOARES

**O ENSINO DO ESPORTE NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA REDE PÚBLICA DE LAVRAS-MG**

**SPORTS TEACHING FROM THE PERSPECTIVE OF PHYSICAL EDUCATION
TEACHERS IN THE PUBLIC SCHOOL OF LAVRAS-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Graduação em Educação
Física.

APROVADA EM 22 DE NOVEMBRO DE 2021.
Especialista. Alysson Dos Anjos Silva

Dr. Fabio Pinto Gonçalves Dos Reis
Orientador

**LAVRAS – MG
2021**

“As palavras não dizem tudo quanto é preciso. Diriam,
mais, talvez, se fossem asas” (José Saramago)

RESUMO

O Esporte como já vivenciado por nós é grande parte, se não por completo da Educação Física na maioria das instituições, além disso ficando preso a métodos ultrapassados ou sem nenhum método de ensino. Tanto como o uso do tema Jogos e Brincadeiras, que por sua vez, foi essencial para chegarmos hoje no que chamamos de Esporte. Entretanto o presente estudo tem o intuito de analisar se essas aulas que contém o tema esportes estão condizentes à BNCC, a literatura atual e trazendo também a metodologia de ensino Pedagogia do Esporte. Foi realizado um roteiro de entrevista com 3 professores atuantes na rede pública de ensino de Lavras – MG onde relataram suas vivencias dentro da escola.

Palavras-chave: Esporte. Educação Física. Jogos. Brincadeiras.

ABSTRACT

Sports in the way we experienced, is mostly, if not completely in the Physical Education present in the majority of the institutions, who in turn, holds on to old fashioned methods or no teaching methods at all. As much as the use of the theme 'Fun and Games', wich in turn, was essencial to become what today we call Sport. However this present study intends to analyze if these classes with the 'sports theme' are in line with the BNCC, the current literature and the methodology of teaching Pedagogy of Sports. Interviews were made with three public school teachers from Lavras-MG, where they reported their experiences inside the school.

Keywords: Sport. Physical Education. Games. Fun.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	METODOLOGIA.....	12
3	DISCUSSÕES DAS NARRATIVAS.....	14
	3.1 “Goteira de estimação”: Uma compreensão limitada sobre a Educação Física.....	14
	3.2 “Mas vai crescendo os meninos já não quer brincar ne?”: O local que ocupa os jogos. e brincadeiras nas aulas dos professores de Educação Física entrevistados.....	15
	3.3 Pedagogia do Esporte como possibilidade metodológica	20
4	CONCLUSÃO.....	23
	REFERENCIAS.....	25
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS PROFESSORES.....	27
	APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O PROFESSOR 1.....	28
	APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O PROFESSOR 2.....	35
	APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O PROFESSOR 3.....	42

1 INTRODUÇÃO

O Esporte sempre foi um dos conteúdos mais trabalhados na educação física, faz tempo que também é centro de atenções dentro e fora da escola, uma vez que crianças e jovens em especial sempre tiveram contato com essa prática, seja na rua da sua casa, na quadra do bairro, clubes e escola. Com a espetacularização aumentou a fama desse fenômeno e isso voltou muitos olhares para professores de educação física, seja para montar equipes dentro da escola ou em municípios e clubes. Eu mesmo fui atleta em duas modalidades esportivas dentro da escola e pelo município na minha cidade natal, bem como, em clubes de fora. Isso me produziu uma paixão gigantesca pelo esporte e me fez procurar aprender e praticar outros também, mas sentia falta da variedade deles na escola e nos clubes onde frequentei, pois se limitavam ao aprendizado do voleibol, futsal, handebol e basquetebol.

Com o término do Ensino Médio, não podia pensar em outro curso além da educação física, e foi essa paixão que me motivou a escolher tal graduação. Hoje depois de ingressar e conhecer a licenciatura me senti à vontade, porque sempre pensei em ser o professor que eu quis ter na escola, porque lá, infelizmente, só tinha o jogo de futebol. Sendo assim, surgiu a seguinte indagação: Qual o olhar dos professores de Educação Física da rede pública de Lavras-MG a respeito do tema pedagogia do esporte na sua disciplina?

De acordo com a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) que é um documento nacional que embasa as disciplinas da educação básica com temas e metodologias condizentes. Instrui para o ensino do esporte no ensino fundamental a seguinte metodologia “Diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações” sejam elas profissionais ou lazer. Também se tornando possível adaptar o esporte para que fique o mais próximo da realidade daquele aluno, que muitas das vezes jogam futebol na rua ou no campo do bairro, diferente do esporte propriamente dito que está fora da realidade diária do aluno.

Na atualidade, temos a visão que o esporte está em sua forma final, bem como pensávamos que estava algum tempo atrás, mas o que acontece ou aconteceu é que, à medida que o tempo passa, o esporte se adapta a nova cultura. Provando assim que ele não veio pronto ou foi criado de repente.

Em 2005, Scaglia nos ajuda a concluir que, o futebol é uma construção histórica, não foi criado de repente, com um grupo de pessoas que se reuniram e decidiram inventar um esporte

diferente, assim combinando regras e estruturas. Como o próprio autor diz “ele é dinâmico” foi e continua sendo construído nos jogos e brincadeiras de bola com os pés, porque o futebol que nos vemos hoje não foi inventado da noite para o dia, ou da vontade de alguns amigos de chutar uma bola de couro inflada, ele surgiu de diversas brincadeira construídos por meio da ludicidade. E depois consolidado como um padrão, uma “língua” mundialmente reconhecida, e depois de consolidado ele ainda consegue ter suas adaptações e ser modificado culturalmente, gerando uma ressignificação do tradicional, dando novos significados. Com base nesse relato conseguimos imaginar o quanto os esportes evoluíram e evoluem com as brincadeiras/jogos tradicionais até os dias de hoje.

Não podemos discutir o fato de o esporte ter se tornado hegemônico na cultura de movimento. Assim também influenciando a Educação Física e tornando o principal conteúdo de ensino por alguns anos. Em 1996, Vago nos dá bases para acreditar que na sociedade brasileira, que por sua vez é capitalista, não ficou de fora da mercantilização do esporte. O esporte é criado por um sistema de disputa e incorpora cada vez mais a “competição, classificação, seleção, comparação, performance e a vitória.” Mostrando que esse modelo esportivista dentro da escola teve uma influência política, que a Educação Física escolar não teve autonomia para desviar, assim se transformando em detecção de talentos através das aulas, crise que perpetua até os dias atuais em alguns casos. Há professores que não se atualizaram e ainda creem que esse modelo de educação ainda é o correto, deixando-se tomar por esse modelo que incita cada vez mais o distanciamento de grande parte dos alunos que não consegue desenvolver uma performance tão boa quanto outros que tem uma afinidade maior com a aula apresentada.

Adentrando nos questionamentos sobre o esporte na escola, Vago (1996) ressalta que a escola pode, por exemplo, problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, para dotá-los de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico, por exemplo. Agindo assim, ela produz outra forma de apropriação do esporte, produz outro conhecimento acerca do esporte. Enfim, produz outra prática cultural de esporte. Com ela, a escola vai tencionar com os códigos dominantes da sociedade agregados ao esporte (principalmente com a exclusão da prática cultural de esporte a que a ampla maioria dos alunos é submetida e com a ideia de rendimento e performance que predominantemente orientam seu ensino na escola). E essa tensão é possível porque o ensino produzido e realizado não se encerra nele mesmo. Assim,

podemos transformar o esporte em um objeto de estudo/ensino, reorganizando, reestruturando, partindo de um saber historicamente construído. Apresentando novas formas de praticar o esporte, dentro e fora da escola, mostrando jogos que podem ser realizados sob diversas condições diferentes do esporte propriamente dito e dessa forma trazendo significado para os alunos, que muitas das vezes não têm acesso à um campo gramado, chuteiras, com árbitros ou até mesmo jogadores suficientes para recriar uma partida de futebol.

Voltando ao fato, que o esporte se tornou por anos o principal objeto de estudo/ensino na Educação Física e às vezes se perpetuando até os dias atuais, com a metodologia de ensino tecnicista ou modelo reducionista, que desconsidera a dinâmica e complexidade do jogo simplificando-o a elementos/partes isoladas. Esse modelo foge ao encontro do jogo, descaracterizando-o da sua própria funcionalidade, de forma que elimina as emergências e imprevisibilidades do jogo jogado e jogante. Reverdito e Scaglia (2007) nos dá base para pensar que o modelo tecnicista que muitas das vezes vêm com o trabalho da repetição da mecânica de determinados movimentos fora de situações reais, que foge da compreensão do jogar. E mesmo que o estudo do mesmo seja reconhecido pelo autor sobre a teoria dos jogos coletivos, ainda há um ponto em relação a dinâmica que o jogo coletivo apresenta em sua totalidade. O que distancia metodologias que se sustentam unicamente na teoria e em atos exclusivamente realizados fora de circunstâncias reais, da própria dimensão que o jogo nos proporciona quando é jogado; “o ato de jogar.”

Toda essa discussão em torno do esporte, não o retira da educação física, mas o coloca com uma das diversas áreas para serem trabalhadas dentro da escola, e uma das formas de apresentar os esportes dentro da escola é através do jogo. Reverdito e Scaglia (2007) nos apresenta tal evolução do jogos e como podemos agir, dizendo que o esporte antes de se tornar uma modalidade internacionalizada e institucionalizada é um jogo. Assim muito mais do que vedadas em categorias separadas, a brincadeira/jogo vira esporte e pode se transformar em brincadeira de novo. Que ao contrário do modelo reducionista o jogo da importância ao jogador conseguir gerir a desordem dele. Assim o protagonista jogador, consegue gerir as emergências do jogo, fazendo-o também se adaptar ao ambiente que se transforma de acordo com a fluidez e complexidade do jogo/brincadeira.

Para conseguirmos adentrar aos problemas levantados até então, será de suma importância pensar sobre a pedagogia do esporte. Concordamos com Reverdito e Scaglia (2009) que a

pedagogia se ocupa daquilo que foi produzido pela humanidade ao longo de sua historicidade. E vivendo o homem que criou o passado no presente, a pedagogia analisa interpreta e compreende a problemática educativa para selecionar diretrizes no presente, que sejam orientadoras da ação educativa, projetando no futuro ingredientes para a configuração da atividade humana por meio da prática educativa concreta, em busca de um ideal pedagógico capaz de realizar nos sujeitos humanos a formação humana, por meio de saberes e modos de ações sistematizadas e organizadas culturalmente. Um processo de reflexão capaz de levá-los ao conhecimento.

A pedagogia do esporte vem para trazer um distanciamento do modelo reducionista e a crença de que o ensino do esporte é separado a prática e o teórico, que na maioria das vezes se limita a prática baseada nas experiências do professor ex-atleta. Essa metodologia de ensino vem dar valor ao jogador mesmo no aprendizado do esporte propriamente dito, conforme apontou Santin (2001). Que o jogo apontado como uma criação lúdica é original e uma obra da imaginação, que aponta a dimensão humana do homem. E aponta o esporte como uma característica das sociedades contemporâneas, e o classifica como um fenômeno social. Evidenciando que os significados a serem dados ao desenvolvimento humano e do corpo nas atividades esportivas, estão associados às práticas e experiências existenciais do mundo social. O jogo consegue trazer uma representação lúdica do esporte e mesmo assim fazer com o jogador esteja plenamente conectado com as mudanças ambientais presentes o tempo todo durante essa prática, fazendo-o criar estratégias de adaptação a essas mudanças causadas pela dinamicidade do jogo.

Além dessas mudanças ambientais no jogo que podem também ser denominadas como ordem e desordem. Temos mais dois termos: interação e organização.

A interação exprime a ideia das relações, ações e retroações estabelecidas no sistema. Falamos da interação no plano estrutural, plano funcional e da resultante relação informacional de comunicação e contra comunicação exercida pelos jogadores, por conseguinte, das inter-relações estabelecidas entre esses dois planos em função dos objetivos relacionados ao jogo (REVERDITO E SCAGLIA, 2007, p. 53).

Dito isso, a pesquisa foi realizada na cidade de Lavras, que está localizada na região sul do estado de Minas Gerais, que foi fundada em 20 de julho de 1868. Estima-se que tenha 103.773 habitantes e de acordo com o censo de 2010 foi aferido que a cidade tem o IDH alto com a nota de

0,782. A cidade conta com 42 instituições educacionais públicas de educação básica, sendo elas 13 municipais na zona urbana, 5 municipais na zona rural, 7 estaduais na zona urbana e 17 creches.

Com isso, a pesquisa tem o intuito de analisar qual a perspectiva e usabilidade do tema pedagogia do esporte para professores de Educação Física da rede pública de ensino de Lavras – MG, além de observar como o esporte é passado no contexto escolar e compreender os olhares dos professores sobre a pedagogia do esporte. Tendo em vista que irá contribuir para o mapeamento e analisar o quão condizente é o ensino do esporte na escola de acordo com a BNCC atual e a literatura.

Além disso, não menos importante, esperamos que ao serem entrevistados os professores possam relatar suas perspectivas e experiências vividas acerca dos temas, esporte, jogos e brincadeiras e pedagogia do esporte.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata de uma pesquisa de campo de caráter qualitativa, que usou como ferramenta para acessar os dados, um roteiro de entrevista. Para Gil (2002), as pesquisas qualitativas, buscam compreender os sentidos e significados de determinados fenômenos pesquisados, sendo muito usada em pesquisa de campo e para compreender as narrativas dos sujeitos.

Os sujeitos da pesquisa foram três professores de Educação Física da rede pública de ensino de lavras. A escolha do grupo, se deu pela motivação de buscam compreender os olhares dos professores sobre o tema esporte, jogos, brincadeiras tradicionais e pedagogia do esporte nas próprias aulas e instituições atuantes, para que dessa forma pudessem relatar suas experiências ao decorrer da carreira na profissão e também na instituição. Para realização das entrevistas, foi usado um roteiro semiestruturado¹, que conduziu e orientou a ação dessa pesquisa, embasamos em Triviños (1987, p.152), que demonstra esse método, como uma potencialidade para pesquisa qualitativas, ajudando com a descrição dos dados e também com “explicação e compreensão de sua totalidade”.

Além das menções feitas no que tange a entrevistas, as mesmas também foram gravadas e transcritas, com o consentimento dos professores entrevistados, para que posteriormente pudessem ser analisadas e discutidas, através da análise temática que se enquadra nos métodos de análises de dados de pesquisas qualitativas (MORAES, 1999).

Primeiramente, o requisito inicial para entrevistados seria ser formado em Educação Física e estar atuando em alguma instituição, segundo critério foi se a instituição de ensino do professor era uma instituição pública e final a disponibilidade dos professores contatados. A pesquisa seria realizada com quatro professores de diferentes escolas, selecionados aleatoriamente, havendo um fator que excluiu um professor da pesquisa, sendo ele a contaminação pelo vírus COVID-19 e não pode se encontrar presencialmente e remotamente para que possa estar tratando da sua saúde.

Dentre as três entrevistas que foram realizadas, uma foi pelo chat de vídeo e áudio da empresa Google, o Google Meet gravada no próprio programa por meio do e-mail institucional da

¹ Presente no apêndice A.

UFLA - Universidade Federal de Lavras. Já os outros dois professores foram realizados roteiro de entrevistas presenciais com seus devidos cuidados, e a ferramenta utilizada para a gravação da entrevista foi o Gravador de Voz da empresa Quality apps, encontrado no Play Store do sistema Android.

Já na análise dos dados usando a teoria de Clarke e Braun que foi discutida por Luciana Karine de Souza 2018-2019 a Análise Temática. Ela que tem aspectos característicos semelhantes aos dos métodos tradicionais de análises qualitativas. Que é a busca por padrões, flexibilidade, homogeneidade, heterogeneidade, dentre outros. Essa técnica de análise é subdividida em 3 grupos, sendo eles, Coding Reliability, Codebook e Reflexive. Sendo também classificadas como Big Q Qualitative Research e small q qualitative research, separando da seguinte maneira, o Big Q utilizando a raiz qualitativa para a filosofia quanto para a técnica; small q utilizando a técnica qualitativa e a filosofia é fundamentalmente positivista.

3 DISCUSSÕES DAS NARRATIVAS

Com base nas respostas dos professores entrevistados, conseguimos analisar alguns temas e pontos comuns, mas também temas e pontos distintos das opiniões e vivências dos mesmos. Sendo eles, Educação Física para as escolas, Esporte na escola, Jogos e Brincadeiras na escola, Esporte para os Professores, Jogos e Brincadeiras para os Professores e a Pedagogia dos Esporte. Esses pontos comuns e divergentes, permitiram pensar a organização de três tópicos que descrevem as ideias.

3.1 “Goteira de estimação”: Uma compreensão limitada sobre a Educação Física

Quanto ao tema Educação Física para as escolas, **foi possível** observar, **por meio das respostas**, que as escolas deixavam a disciplina à deriva, e visa como esporte ou time da escola, com o passar do tempo todos relataram que houveram aumento de materiais e melhoria do espaço físico em uma delas.

Também houve o relato do professor 3 que diz “que tenho uma ‘goteira de estimação’ lá, mas goteira não, posso dizer que é uma cachoeira, porque tem uma calha lá que faz 4 anos que está atrapalhada”. E também falta de atenção dos funcionários que não limpam a quadra.

Já o professor 2 relatou que há um apoio da direção da escola quanto a projetos da sua disciplina, “Todos os projetos que você desenvolver na Educação Física, seja extra turno, a escola acolhe, a escola abraça”.

Vemos ainda esse tipo de atitude por parte das instituições, porque ainda seguem com o pensamento da Educação Física como recompensa do bom comportamento e muita das vezes como uma aula livre, e vem daí o pensamento da escola e dos outros professores de não ver a Educação Física como uma disciplina legitimada, sendo que o objetivo do professor é apresentar e ensinar os alunos saberes historicamente construídos, bem como todas as outras disciplinas presentes na Educação Básica.

Esporte na escola, a disciplina Educação Física sempre foi muito vista como esporte e as entrevistadas nos apresenta isso, o professor 1 relatou que utiliza do esporte majoritariamente como conteúdo da sua aula, por opção e também por pedidos dos alunos, com uma forte tendência ao Futebol, nos submetendo à concepção do senso comum “Futebol para os meninos e voleibol para as meninas”.

Também podemos observar nesse tema falas sobre projetos esportivos competitivos dos esportes mais populares, tendo vista aos campeonatos estudantis e projeto social de atletismo promovido pela UFLA.

Já o professor 2 nos fala sobre a cultura do Futebol dentro da escola, que não gosta muito de trabalhar esse esporte, mas que vê o esporte de maneira geral como base para as outras atividades, com um gosto pelo atletismo, criando pista juntamente com a diretoria dentro do espaço escolar e aplicação de um “esporte multidisciplinar” como disse em resposta, jogos pré-desportivos, com o conceito de “dar oportunidades iguais para todos”.

Por final o professor 3 alega que o esporte teve de ser mudado nas suas aulas porque criou-se na escola um ar muito competitivo nas crianças deixando sempre a palavra ganhar em destaque, em frases como, “ah, ele ganhou. Faz assim senão não vai ganhar...” e com o tempo essa visão foi conseguindo ser desconstruída na cabeça das crianças, para que o esporte na escola fosse inclusivo.

Caparroz e Bracht apresentam a seguinte ideia:

O que pode ser tomado como indicador é a preponderância dos manuais contendo formas de exercitação, indicações de procedimentos de ensino, pouca ou nenhuma preocupação com a discussão em torno das finalidades sociopolíticas da educação física (...) (CAPARROZ E BRATCH, 2007, p. 24)

Essa ideia diz muito de o professor apenas dar o esporte, porque pensa ter que dar, mas não se preocupa com a relação que deve ser construída entre a pedagogia e a didática, exclui também o pensamento da finalidade da sua aula para os alunos, sendo essa uma característica da Educação Física dos anos 1980 no Brasil.

Santin (2001, p.18) nos ajuda a entender a ideia de que cada dia mais a Educação Física apaixona pelo rendimento, que o profissional sente que para ser reconhecido precisa “produzir” medalhistas olímpicos. Que nos toca com o seguinte trecho “Uma técnica que produz uma medalha de ouro em Olimpíadas vale infinitamente mais do que a alegria de milhares de crianças e adultos diante de brincadeiras de um palhaço de circo.”

3.2 “Mas vai crescendo os meninos já não quer brincar ne?”: O local que ocupa os jogos e brincadeiras nas aulas dos professores de Educação Física entrevistados.

No tema Jogos e Brincadeiras na escola, podemos observar semelhança nas respostas dos professores 1 e 2 que alegam não haver esse conteúdo na escola no período de aulas dos mesmos e também os 2 alegam que é trabalhado com as turmas do 1º ano até as turmas do 5º ano. Entretanto dão respostas distintas sobre esse fato.

O professor 1 diz: “Mas vai crescendo os meninos já não quer brincar né? Os meninos querem jogar esportes, era só esporte entendeu? ”. Já o professor 2 diz que “a criança da escola Cinira, ela brinca na rua” e diz também que apesar desse fato das crianças brincarem na rua, na escola ele acredita precisar de mais incentivo, de ser mais aplicado e também deixá-los criar. Também afirma estar ciente do tema Jogos e Brincadeiras estar incluso na BNCC, mas que fica a desejar na escola.

O Professor 2 também cita a observação que faz sobre o “recreio” da escola na qual ele atua, citando a diminuição de crianças brincando, que ainda há a presença dos jogos e brincadeiras tradicionais nesse momento, mas diminuiu bastante.

Tais observações sobre os jogos e brincadeiras, limitam-se a restringir esse saber as crianças, desconsiderando dessa forma todo potencial educativo que pode por esse ser viabilizado. Emerge então a necessidade de um olhar mais crítico sobre esse fenômeno, como mostra Ramos (2005):

[...] o jogo e a brincadeira estão situados em um campo muito mais abrangente do que um simples divertimento para a criança. Traz para o sujeito que brinca não apenas uma atividade para o seu prazer momentâneo, mas também a história e a cultura de seu povo (RAMOS, 2005, p.67)

Nessa linha de compreensão, o professor 3 alega ser um conteúdo muito forte na escola, que há o resgate das brincadeiras da época dos pais em um projeto com a comunidade, brincadeiras das crianças que vem de casa ou que brincam com os colegas ou vizinhos fora do ambiente escolar. Afirma ter aplicado o tema jogos e brincadeiras algum tempo antes da entrevista ser realizada e que essa troca dele com os pais e com as crianças é muito benéfica para a Educação Física na instituição em que ele atua, de maneira que todos aprendem e recebem esse conteúdo.

Primeiramente nós podemos concluir no trecho de Santin (2001), que a palavra brincar e seus derivados tem um repertório cheio de falas depreciativas, tais como, “não é hora de brincadeira; não estou brincando; você pensa que estou brincando?; oh! Pessoal, a brincadeira acabou; brincadeira! ”. O que cria na cabeça do aluno que brincadeira é algo ruim, tanto como

atrelam essas frases com outras que dizem ser “criancice, infantilidade, você não é mais criança...” remetendo pensamentos como o que foi citado pelo Professor 1.

Pensando dessa forma também esquecemos que os jogos e brincadeiras ele é parte da sociedade como um todo, simbolizando sempre partes do cotidiano vivido, tanto como quando Scaglia (2005, p. 03) traz um trecho exemplificando isso, “surgiu o pique-bandeira, representação fiel de uma batalha, onde se tem que invadir o campo de batalha adversário - penetrar em seu reino -, para capturar a bandeira – que simboliza o reino”.

Esporte para os professores, esse tema aponta o pensamento deles e aplicabilidade desse tema dentro das aulas, assim nos permitindo analisar suas vivencias e concepções acerca do tema. O Professor 1, nos relata ter mantido sua opinião sobre o tema esportes desde que se formou e começou a atuar, ele passa a visão que o esporte transforma a vida das pessoas, ressaltando que logicamente o esporte de alto rendimento, mas que na opinião dele tem que começar em algum lugar esse esporte e que hoje ele tem uma certa dificuldade por conta dos alunos em aplicar aulas esportivas, “porque chegou num ponto em que ele via o esporte como uma salvação, hoje ele não vê mais”.

Além disso, cita que o esporte era a primeira coisa no bairro tempos atrás e que hoje não sendo mais, vê como um desafio trazer de volta esse costume, porque acredita que o esporte traz lições que o indivíduo leva para a vida toda.

Já o Professor 2 acredita que há uma exclusão do esporte na escola, nos relatando ver que o professor de maneira geral fica preso ao esporte o qual ele foi atleta um dia ou deixando a bola de futebol para os meninos e a bola de queimada para as meninas, e de certa maneira isso exclui muito, “hoje tem menina que joga futebol” e isso acaba excluindo os alunos, desmotivando.

Acredita também que deveria haver um planejamento de esportes multidisciplinares vindo da direção das escolas para que possam aplicar esportes variados para todos os alunos sem exclusão.

Cita também a falta do aspecto competitivo no esporte dentro da Educação Física escolar, mas que deve haver liberdade para escolherem competir ou não. Finalizando esse tema o Professor 3, que inicia o pensamento falando que a Educação Física escolar deve separar o esporte e o treinamento esportivo, que o treinamento esportivo exclui e desestimula a criança.

Afirma, concluindo a resposta, que nas aulas dele ele busca em fazer algo que os alunos gostem e faça sentido para eles, além de que é necessário a participação de todos os alunos, porque se ficar um ou dois de fora já foge do conceito dele de Educação Física escolar.

Em Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p.601) cita em seu texto a seguinte ideia:

O esporte é um patrimônio da humanidade. Seu surgimento se deu a partir das representações simbólicas da humanidade, construídas por meio das relações estabelecidas entre os homens, ao longo de sua historicidade. Significa dizer, portanto, que é um dos maiores fenômenos culturais no mundo contemporâneo.

Isso nos mostra que o professor está adequado quanto o conteúdo esporte dentro das suas práticas diárias, porque como vimos anteriormente a disciplina Educação Física tanto quanto as outras devem apresentar e ensinar tudo aquilo que foi historicamente construído, mas não podemos confundir o ensinar o esporte com o treinamento esportivo, no qual entramos numa discussão que o esporte de rendimento ele é exclusivo, traz consigo uma carga pesada visto que junto ao esporte vem nomes de peso, habilidades extraordinárias de profissionais e que pode retirar alunos desse contexto.

A parte pedagógica, contextualização do esporte, apresentar habilidades e capacidades que façam sentido para os alunos e trazer esse esporte para dentro da realidade deles, sendo adaptando, criando jogos ou mini-jogos. Conseguiríamos atingir o objetivo do ensino das habilidades e capacidades de determinado esporte sem que exclua alguns alunos, dando oportunidade igual para todos.

Jogos e Brincadeiras para os professores, um tema importante para a pesquisa, visto que é um tema que some da Educação Física com o aumento da idade dos alunos, mas que é um ótimo conteúdo a se explorar.

O professor 1 nos expôs a sua ideia da seguinte maneira, que acredita ser muito educativo, uma maneira de aprender brincando. Diz ser um refúgio daqueles alunos que estão fora da aula, “mesmo aqueles que não querem fazer nada estão brincando de jogos de tabuleiro...” como uma forma deles não ficarem sem participarem das aulas, nos relata também que a partir do 8º ano ele nota que os alunos ficam com vergonha de brincar, que acham ser “coisa boba”.

Expõe, ainda, que os alunos jogam no telefone e que ao mesmo tempo que ele acredita não ser uma coisa boa para a escola ele vê que pode ser uma saída usar isso com eles. E por fim relata

que toda vez que um estagiário ou projetista da UFLA – Universidade Federal de Lavras propõe alguma brincadeira, os alunos participam e com ele é diferente.

Já o Professor 2 no diz que, pensa ser importantíssimo o tema Jogos e Brincadeiras para crianças, adolescentes e também adulto. Porque é a cultura do ser humano, “é o brincar, o viver, o desenvolver habilidades, o criativo que os jogos e brincadeiras permite”. Ele afirma ser bom para trabalhar porque brinca quem quer brincar, você muda e cria as regras, improvisa, adapta, etc. acredita faltar estímulo para os professores trabalhar com esse tema e deveria ser muito mais incentivada.

Na opinião do Professor 3, ele diz ter mudado muito a visão dele sobre o tema, depois de cursar uma disciplina no Mestrado com dois professores, que o jogo é imaterial, que temos que pensar os jogos como algo que vai envolver o aluno, que vai trazer o foco dela para a atividade, citando o autor João Batista Freire em sua fala quando ele lembra do senhor do jogo, que quando a criança é “capturada” pelo senhor do jogo ela não vê o tempo passando, não vê muito o exterior da brincadeira e que ele tenta trazer isso que tem aprendido para dentro da escola, diz também que tenta contextualizar todas as brincadeiras antes com os alunos, expor nomes diferentes, descobrir divergências em regras que os alunos tem, uma brincadeira pode ser mudada de estado pra outro ou até mesmo cidade para cidade e busca criar junto com todos uma regra para a atividade na escola.

Quando falamos de Jogos e Brincadeiras devemos pensar, de onde veio? Quem criou? Na maioria das vezes não sabemos, porque o jogo faz parte do ser humano e vem sendo trazido de geração em geração até os dias de hoje, ele vem se adaptando também para que chegue a pessoas “diferentes” das pessoas de anos atrás e isso nos mostra como esse tema pode ser um forte conteúdo dentro das aulas de Educação Física sendo como tema principal ou metodologia de ensino, porque ele é adaptável, ele é feito para os jogadores e não os jogadores feitos para ele.

Então, com isso, conseguimos pensar que se o jogo não está interessante para os alunos, basta adaptarmos, pedir a eles que sugiram alguma regra de forma que eles sintam presente da atividade que vem sendo praticada e que ela se torne válida para eles.

Scaglia (2005, p. 07) diz que, “Nesse momento, os jogos/brincadeiras passam de processo – entendido enquanto meio para ressignificações -, para produto. E como produto, desencadeia um novo processo, em que passa a servir como conteúdo para futuras ressignificações” mostrando o quanto esses jogos e brincadeiras são adaptáveis e evoluem com os jogadores.

3.3 Pedagogia do Esporte como possibilidade metodológica

Por fim o tema Pedagogia do Esporte, que é o objetivo final de ter trabalhado esses temas anteriores para podermos chegar a esse tema sabendo um pouco mais das escolas e dos professores e construir uma resposta a partir disso.

Com o Professor 1 podemos observar que o esporte é trabalhado em suas aulas na maneira mais tecnicista, como por exemplo treino de passes, condução, chutes a gol, etc. com a proposta de 15 a 20 minutos de pratica e depois livre.

Quanto as aulas de Jogos e Brincadeiras deixava dividido em duas equipes e propunha o Jogo, se quisessem alterar ou fazer outra brincadeira poderiam, dentro da mesma proposta 15 a 20 minutos de prática, e diante das duas situações, tanto aula de esportes e aula de jogos e brincadeiras havia alunos com lesões ou imprevistos que ficam de fora jogando dama, xadrez, jogo da velha ou futebol de prego.

Por fim quando perguntado sobre o tema Pedagogia do Esporte, diz tem feito alguma brincadeira com esporte, mas nada elaborado, e diz que acredita ser um tema e/ou metodologia interessante para abordar nas suas aulas, visto que é uma forma diferente deles terem o contato com o esporte e não ser o esporte propriamente dito.

O Professor 2 nos diz sobre a suas aulas de Esportes, que não há um planejamento anual para que ele possa seguir e que dentro dos 4 bimestres ele sempre separava 4 a 5 esportes para apresentar aos alunos, “dando oportunidade deles pelo menos conhecerem”, dentro de um tempo que consiga introduzir, eles vivenciarem e o professor avaliar, sem a necessidade de ser um expert no esporte, mas que tenha noções básicas. O tema Jogos e Brincadeiras ele já busca trabalhar brincadeiras que estimulem os esportes, que estimulem também o raciocínio das crianças, diz ter o hábito de ensinar o xadrez.

Por fim, ele diz utilizar a Pedagogia do esporte, porque acredita ser estimulante e pedagógico, que pensar uma brincadeira junto a um desporto você estimula a criança a participar, vivenciar e praticar o mesmo. Diz ter aceitação nas turmas mais velhas, e que você consegue também ao aplicar essa metodologia analisar o grupo e adaptar de acordo com a necessidade dos alunos.

A visão que ele compartilha conosco sobre o tema é de encanto, porque ele vê uma ligação com o brincar de antigamente, que juntava com amigos e criava-se regras para que todos conseguissem jogar o esporte proposto ali, e que assim desenvolvia as capacidades física para

determinado esporte e quando se vai trabalhar o jogo propriamente dito você já tem isso tudo conquistado, o entendimento de diversas capacidades através dos jogos. E fica a parte final ensinar fundamentos e regras do esporte propriamente dito.

O professor 3 quando questionado sobre suas aulas nos relata que, ele inicia todo esporte com contextualização, perguntando quem já jogou, quem já viu, se sabem como joga, darem características, etc.

Depois apresenta recursos áudio visuais para demonstrar para que possam absorver algum conhecimento prévio daqui que será aprendido. Diz que antes era um professor “meio tecnicista” e que hoje ele opta por minijogos e não fica no foco de passar técnicas específicas do esporte ensinado e notou haver uma melhor assimilação por parte dos alunos.

No tema jogos e brincadeiras ele trabalha da mesma forma o começo contextualizando, mostrando divergências que podem ter de uma região para a outra. Ao aplicar a brincadeira ele usa da experiência adquirida dos alunos dentro do próprio jogo e questiona regras que poderiam melhorar o jogo quando fica “monótono”.

Por fim, perguntado sobre a Pedagogia do Esporte ele lembra de uma resposta anterior que cita ter cursado uma disciplina no seu Mestrado e que lá aprendeu sobre que não teve oportunidade de colocar em pratica dentro da escola por conta do Vírus COVID-19, mas que percebeu ter trabalhado antes de conhecer o tema, utilizando de jogos de oposição. Que é um método para o ensino das lutas, acredita sem uma maneira muito benéfica e didática, sem que fique uma turma de fora esperando ou parada na fila.

Visto que já havia usado essa metodologia antes deu o exemplo do jogo dos prendedores, não se dá o soco do boxe propriamente dito, mas as capacidades e habilidades são similares e você consegue desenvolver o aluno a partir disso.

Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p.602) citam que:

Balbino e Santana (2005) corroboram perspectiva de romper com as abordagens reducionistas em pedagogia do esporte. O paradigma reducionista (simplicidade, estabilidade, objetividade) deverá dar lugar ao paradigma da complexidade (complexidade, instabilidade, intersubjetividade), em que o pensar e o agir estejam comprometidos com a condição humana do sujeito.

Esta ideia vai ao encontro do pensamento de que a Pedagogia do esporte traz consigo a complexidade do jogo, o modelo do “jogo jogado” e da mesma forma está comprometido ao ensino do esporte sem que use métodos “reducionistas” como dizem no próprio trecho, a fim de usar situações reais de jogo sem que estejam praticando o esporte propriamente dito, tornando o aprendizado mais inclusivo e interessante para os alunos que se sentirão jogando, ativos e ao mesmo tempo não teremos o peso de estar praticando como por exemplo o futebol que eles veem na televisão, mas sim o futebol da “escola x”.

4 CONCLUSÃO

Com base nas respostas dos três Professores, podemos concluir que o esporte sofre grande dominância dentro das instituições públicas de ensino de Lavras – MG, sendo o principal ou único tema de estudo para os alunos. O esporte também é visto como treinamento para uma mudança de vida através do alto rendimento no futuro em alguns casos, com treinamentos tecnicistas dentro da Educação Física escolar o que foge um pouco a ideia do esporte da escola, que tem a ideia de ser um conteúdo da disciplina de Educação Física. O Esporte da escola como diz Bratch (1992), a escola mesmo sendo a base da pirâmide esportiva ela não flui de forma simétrica a isso. Afirmando que sim a escola é o local onde as crianças darão seus primeiros passos em direção ao esporte de alto rendimento, mas não pode ser uma regra. Então entra onde o mesmo fala sobre a legitimidade pedagógica da Educação Física, que retira a ideia do período pós-guerra da Educação Física se manter na escola como esporte e sim por assumir a tarefa de transmitir esse elemento da cultura. Seguindo para o tema também questionado aos professores, Jogos e Brincadeiras que podemos analisar nas entrevistas a falta da usabilidade desse tema, que além do esporte também é um elemento da cultura humana. Jogos e Brincadeiras por sua vez ele tem uma fala interessante dentro das respostas, na qual os alunos mais velhos não aceitariam brincar, por pensarem ser “coisa boba”, também com fala que só funciona com os menores (1º ano ao 5º ano).

Assim analisando houve relato de saber a importância desse tema, de como faz falta para Educação Física e para os alunos, mas mesmo sabendo disso não utilizar o tema dentro das suas aulas, e também um deles que se mostrou usar sempre Jogos e Brincadeiras como tema e como metodologia de ensino em formatos de minijogos ou jogos de oposição como disse. Dessa forma conseguindo explorar uma forma de todos estarem ativos durante a sua aula, já que há formas exclusivas em outros métodos.

Por fim a Pedagogia do Esporte, na qual utilizamos de 2 temas anteriores para poder embasar nossa resposta sobre ela, sendo 2 temas que estão ligados a ela e ver como eles são desenvolvidos nos ajuda a pensar na aplicação dessa metodologia de ensino. Mais uma vez vimos nas respostas que por parte dos professores há a consciência do tema, mas que não há usabilidade dentro das aulas, podendo argumentar dentro das falas dos três Professores na qual um não fazia muita ideia do tema, um faz ideia do que seja, mas nunca elaborou nada com o conhecimento que tem e um tem conhecimento do tema, já usou e estudou mais recentemente sobre para utilizar de

outras maneiras. Essa evolução do ensino do esporte para as turmas escolares, pôde ser observada que vem se dando através da atualização dos professores, que buscam ler sobre novos assuntos ou estão realizando pós graduação, que nos traz grande importância para o ensino do esporte dentro da escola, já que as turmas escolares são heterogêneas e devemos saber observar o que encaixa dentro de cada turma, essa metodologia nos ajuda tirar a homogenia do esporte e transforma-lo em heterogêneo, de uma maneira que todos possam aprender dentro dos seus limites.

Conclui-se, portanto, que o tema Esporte ainda é o que mais sobressai dentro das aulas de Educação Física, mas sem haver a usabilidade da metodologia Pedagogia do Esporte na maioria dos casos, sendo que há mais métodos tecnicistas, onde os professores realizam um treinamento parecido ao de escolinhas de iniciação esportiva ou alto rendimento. Concluindo também que de acordo com a literatura atual esse modelo de ensino não é o mais indicado porquê de acordo com o que vimos com Riverdito (2007), apresenta que o esporte tecnicista muitas vezes focado em repetições mecânicas que foge às situações reais de jogo, foge ao encontro da real intenção do esporte e do jogo que o “jogo é jogado”. Além do argumento no qual o esporte propriamente dito é excludente e para turmas grandes e heterogêneas como temos na escola há a necessidade de alunos ficarem fora da atividade ou até mesmo em filas no tempo em que ele deveria estar executando as ações/aprendendo o tema proposto.

REFERÊNCIAS

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC); **Educação é a Base**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRACHT, Valter. **Aprendizagem social e Educação Física**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n.2., p. 21-37., 2007. Disponível em <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/53/61>> Acesso em 17 fev. 2021.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, p. 21-37, 2007

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Pauli: Atlas S.a., 2002. 176 p.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

RAMOS, J.R. da S. **Dinâmicas, brincadeiras e jogos educativos**. 2. ed. Rio de janeiro: DP&A, 2005.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. . A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta metodológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, p. 51-63, 2007. Disponível em <<http://multimedia.curitiba.pr.gov.br/2016/00178172.pdf>> Acesso em 27 jan. 2021.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, Alcides José . **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. 1. ed. São Paulo: Editora Phorte, 2009.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**. Journal of Physical Education. UNESP, p. 600-610, 2009.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A.J. ; PAES, R. R. . Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, p. 600-610, 2009. Disponível em <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/download/2478/2477>> Acesso em 2 fev. 2021.

SANTIN, Silvano. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: Est Editora, 2001.

SCAGLIA, Alcides José. Os jogos/brincadeiras de bola com os pés e o futebol: o início de uma profícua história sistêmica/complexa. **Revista Movimento & Percepção**, São Paulo, v. 5, n. 6, 2005.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés**. Phorte Editora, 2020.

TRIVIÑOS, Augusto NS. A pesquisa qualitativa em educação. **São Paulo: Atlas**, 1987.

VAGO, Tarcísio Mauro. O esporte na escola e o esporte da escola. **Revista Movimento**, Porto Alegre, n. 5, 1996.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS PROFESSORES

Entrevista com professores da rede pública de ensino de Lavras – MG

Tema: Pedagogia do Esporte

Nome:

Idade:

Cidade:

instituição:

Quanto tempo na área:

Quanto tempo na instituição atual:

1) Quero que conte sobre sua trajetória na escola:

1.1) O que ocorreu de negativo para a Educação Física após sua chegada?

1.2) O que ocorreu de positivo para a Educação Física após sua chegada?

1.3) Quanto ao esporte como era a visão da comunidade antes e agora?

1.4) Quanto ao esporte como era a sua visão e usabilidade antes e agora?

1.5) Quanto à jogos e brincadeiras tradicionais como era na escola antes e atualmente?

1.6) Quanto à jogos e brincadeiras tradicionais, como era sua visão quando entrou e atualmente?

2) Quantas aulas que contem esportes, como são realizadas?

3) São trabalhados Jogos e Brincadeiras na escola? Se sim como são as aulas?

4) Você já usou a pedagogia do jogo nas suas aulas?

5) Qual a sua visão sobre esse tema?

6) Você acredita que aulas assim dão ou dariam certo nas suas turmas?

7) Como é ou como você espera que seja a reação dos alunos à aulas dessa maneira?

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O PROFESSOR 1

Nome: Miller Ricardo

Idade: 48 anos

Cidade: Lavras, Minas Gerais

Instituição: Escola Estadual Cristiano de Souza

Quanto tempo na área: 24 anos

Quanto tempo na instituição: 18 anos

Entrevistador - Eu quero que você me conte agora sua trajetória na escola. O que de negativo para a educação física após a sua chegada?

Entrevistado - É, na verdade quando eu cheguei a escola já estava, tinha muito aluno, era uma escola muito boa de trabalhar, a gente trabalhar com esportes né! E tentar fazer algo diferente, agente conseguia fazer porque tinha muita turma, era dinâmico, o negócio fluía. Eu num falava quando entrei aqui, eu falo hoje, hoje que ficou ruim. A gente tinha antigamente, nós tínhamos, tipo 13 turmas com cinquenta alunos cada turma, hoje a gente tem 12 turmas com 15 alunos cada turma e antigamente a diversidade, quantidade de opção pra fazer esporte, praticar atividade física, era, eles gostavam de fazer porque não tinha a parte virtual ou essa parte de celular, não tinha essa parte de tecnologia, jogos digitais que hoje os meninos gostam muito entendeu, então hoje a gente passa apertado com isso, hoje eu tenho sala que a gente não consegue fazer um jogo de futebol, porque 2 ou 3 gostam de futebol e o restante não quer futebol, não quer peteca, não quer dança, não quer nada. Então a dificuldade maior hoje é essa.

Entrevistador - Está joia. Agora eu preciso que você me conte os pontos positivos desde a sua chegada?

Entrevistado - Bom, o ponto positivo é que a escola na época, tinha uma movimentação muito grande, gostava muito de, a gente conseguia trabalhar esporte, e trabalhar atletismo, futebol, o vôlei né?! Até o handebol, tinha uma professora que mexia com handebol, a gente fazia muito isso sabe? Conseguia fazer olimpíadas de esporte na escola, ter semana de esporte, então, envolvia pais, envolvia alunos, então era um projeto muito bacana que acontecia durante o ano. É, na época eu estava novo, queria mostra serviço né, ajudava, isso ajudava bem né? E a gente jogava ainda com os alunos pra ensinar, a parte física, o vigor físico ajudava a gente a mostrar bem os esportes para

os alunos né, ao contrário de hoje né, hoje a gente vai, a gente não consegue incentivar o aluno e o físico também deu uma caída mas está voltando a ficar bom, entendeu? Eu percebo que isso faz diferença.

Entrevistador - Ta, e positivo você acha que algum momento aumentou a quantidade de material, a quadra aumentou o espaço?

Entrevistado - É, hoje a quadra é boa, de 2012 pra cá, tem 9 anos que a quadra ficou desse jeito, coberta e com a quadra maior, antes era uma quadra muito ruim e pequena, mas não impedia a gente de trabalhar. Um lado era terra, o outro era, o pedaço onde é a quadra de vôlei hoje era terra e mato, e tinha a quadra sem cobertura, era sol danado mas não impedia a gente de trabalhar, a gente tinha pouco material, mas conseguia fazer as coisas. Ao contrário de hoje, hoje a gente tem muito material, mas a disposição dos alunos, a participação deles é menor, entendeu? Esse é o maior desafio que eu tenho hoje.

Entrevistador - Quanto ao esporte era a visão da comunidade escolar, os alunos e o pessoal da escola mesmo, contando diretoria e os outros professores antes da sua chegada e agora? Ou melhor de quando você chegou até agora? Como foi a trajetória? Melhorou? Você acha que motivaram mais o esporte? Ou pararam de motivar essa parte esportiva da escola?

Entrevistado - A escola tinha já quando eu entrei aqui, a gente tinha, já tava, tinha começado a ressuscitar em Lavras os Jogos Estudantis, então eu inclusive era um dos organizadores do jogos estudantis na cidade junto com a associação dos professores de educação física, e a escola participava sempre bem, tinha muito aluno, sempre conseguiu ter equipes qualificadas participando, com exceção de basquete, mas tinha pra vôlei, handebol, futsal né? As que tinham era os esportes mais jogados né? Com o tempo, isso foi, até 5 anos atrás quando tinha muito aluno ainda, as nossas equipes eram, vou até brincar aqui “estamos em uma safra ruim”, além de diminuir o número de alunos a safra de atletas ficou escassa. Entendeu? Então a gente tem poucos alunos que se destacam no esporte, e só futebol, o handebol não consegui ser treinador, teve uma professora que aposentou e então o handebol deixou de ter, e ficou o vôlei e o futsal. Então eu falo assim, de quando eu entrei para hoje a gente foi numa decrescente né? Por uma série de motivos, questão de número de participação, número de atletas, estrutura mesmo da cidade com o jogos escolares.

Entrevistador - E dentro das aulas você...

Entrevistado - dentro das aulas também a gente sentiu né, os alunos ajudavam a gente a ter atividade. Até muitos anos atrás eu dava treino específico só para o time da escola de futsal por exemplo, o feminino sempre chegou nas finais a nível regional né. Não só de Lavras, a microrregional de Campo Belo que pertence aqui, mas como também pra regional em Poços de Caldas, Pouso Alegre ou Machado, onde foi o jogos. Chegamos a ser vice campeões regionais, então assim, tinha uma participação maior dos alunos. Porque eu acho que assim, o esporte era visto como uma saída boa para a gente poder trabalhar com os alunos e não tinha tanta essa influência digital hoje, eu acho que isso e o ponto negativo, que atrapalha um pouco, entendeu. Hoje em dia eles veem televisão, celular e outros jogos foram mudando as opções deles e pra fazer atividade física, né. Uns gostam de fazer, outros não. Então antigamente só tinha aquilo, acho que isso é a grande sacada que eu vejo que faz falta.

Entrevistador - Agora eu quero saber como era a sua visão sobre o esporte, retirando a escola, a sua visão do esporte quando você começou a trabalhar e atualmente?

Entrevistado - A minha visão do esporte, eu acho que desde que eu comecei a trabalhar e como hoje é a mesma, a minha visão do esporte quando eu formei em educação física e que eu até compartilho nos dias de hoje, eu acho que é a mesma, com os colegas, a gente ve o trabalho social que o esporte faz, mudança nas pessoas, o esporte tem o poder de... logico que o alto rendimento é uma coisa, mas para chegar no alto rendimento ele tem que começar em algum lugar, então o esporte é aquele que consegue, é, trabalhar o lado social, consegue trabalhar limite das pessoas, consegue fazer uma pessoa que não tem muita habilidade jogar junto, consegue fazer isso, o esporte tem o poder de mudar as pessoas, seja o futsal desde qualquer esporte né. Seja o Boxe, arco e flecha, peteca... qualquer tipo de esporte, ele tem o poder de mudar o jeito da pessoa, o social da pessoa, a forma que ela encara as situações da vida então acho que isso é a mesma.

Entrevistador - E a usabilidade do esporte dentro das suas aulas para os alunos?

Entrevistado - se eu for fazer uma análise crítica eu acho que antigamente ela funcionava melhor que hoje, hoje eu não consegui realmente, eu acho que eu tenho uma dificuldade muito grande em fazer esse aluno perceber esse esporte como mudança de vida pra ele, porque chegou num ponto em que ele via o esporte como uma salvação, hoje ele não vê mais. Hoje o esporte mudou a escala de prioridade. O esporte era primeira coisa no bairro, para as pessoas em geral né, e hoje eu vejo que não é assim. E eu não consegui lidar nem fazer o aluno perceber isso, entendeu? Aqui na nossa escola por exemplo a gente tem o projeto que a UFLA faz parte do projeto de atletismo, né. Que é

um sucesso hoje e tal. Ele praticamente começou com alunos da nossa escola, de cada 100 alunos lá, 90 era da escola e isso inverteu olha só, o berço do negócio não aquele que alimenta mais, hoje tem gente lá, mas não é mais. Então essa participação de ver o esporte como um caminho para mudar de vida, ele mudou aqui na comunidade, com os alunos. E é um desafio como que eu faço isso acontecer denovo.

Entrevistador - Agora sobre jogos e brincadeiras, como era a visão da comunidade? Os alunos, diretores... sobre esse tema?

Entrevistado - Não, olha, a comunidade e a equipe pedagógica sempre achou que os jogos era uma maneira de educar os meninos assim divertindo e brincando, então a brincadeira era uma maneira que até usava do 1º ao 5º ano né? Os “pititinhos” a gente fazia muita brincadeira para poder ajudar né? Mas vai crescendo os meninos já não quer brincar né? Os meninos querem jogar esportes, era só esporte entendeu? Então assim, mas era, a comunidade gostava da brincadeira né? Os jogos, pequenos jogos, educativos para poder participar e educar, isso ai sempre teve.

Entrevistador - Aí sempre teve desde quando você entrou até hoje?

Entrevistado - Sim.

Entrevistador - E qual a sua visão e como você usa os jogos e brincadeiras dentro das suas aulas? Se você usa.

Entrevistado - Eu ainda acho que os jogos e brincadeiras são educativos, eles ajudam as pessoas, ao mesmo tempo que você está brincando, está aprendendo e está aprendendo a respeitar o outro e também saber o seu limite. Então jogos de tabuleiro eu gosto muito por exemplo, eu incentivo, sempre tem na minha aula, mesmo aqueles que não querem fazer nada estão brincando de jogos de tabuleiro, seja de dama, xadrez a gente comprou agora na escola está tendo, mas outros tipos de jogos né? É jogo da velha, joguinho de futebol de dedo com preguinho sempre teve, porque trabalhava outras coisas, sempre brincando e divertindo. Mas a dificuldade maior que eu vejo é o seguinte, antes eu mexia com os pequenos, era uma coisa mas quando fui mexer mais com o pessoal do 8º ano em diante e ensino médio, ao mesmo tempo que eles acham que é bacana, ele ficam com vergonha de brincar, acham que é coisa boba. Entendeu? Então eles gostam de joguinho, joguinho de celular, eu achava que era, num tinha que mexer com isso, mas estou começando a achar que tem que ser, é um caminho para a gente poder fazer ele participar, entendeu? Mas ele não está fazendo atividade física, que era a coisa que a gente queria, não ficar só mexendo o dedão aqui, então é um desafio pra ver essa mudança dos jogos hoje, e brincadeira, ela passa por mudanças. E

por mais que a gente tenha no curso, na pratica ela é diferente sô, para fazer. Então chega alguém, vocês por exemplo, quando é estagiário, se põe uma brincadeira para eles, alguns até fazem, as vezes começa até gostar, vê a turma rindo e participa, mas quando é a gente fazendo lá, é outra situação, engraçado, uma coisa incrível, quando chega alguém de fora, o negócio funciona, por isso é sempre um intercambio, eu mesmo participei ano passado até da seleção do projeto do PIBID, até sugeri eles fazerem, não deixar os mesmos professores ficar na escola direto, mudar, fazer uma trabalho, essa semana vou fazer um trabalho aqui nessa escola, semana que vem, não é na mesma escola, faria em outra. Para ter esse rodizio e fazer os alunos participarem mais, que eu acho que é uma coisa que não é só aqui que acontece, converso com os meus colegas e acontece com os outros também.

Entrevistador - atualiza o aluno e atualiza o professor também né?

Entrevistado - exatamente

*Entrevistador-agora preciso que você me conte como são realizadas as aulas que contem esporte, seja o vôlei, o basquete ou qualquer tipo de esporte que você dê. Como são realizadas, se você divide a turma, se tenta colocar todos na quadra ao mesmo tempo, as vezes fica um time de fora esperando e quando o outro perde ele entra?

Entrevistado - eu tenho a proposta com eles o seguinte, como não tem muito aluno hoje para praticar o esporte, então combino com eles que de 15-20 minutos nos fazemos a parte de esporte. Esse 15-20 minutos que eu falo fazer o esporte, por exemplo vamos fazer um treinamento, vamos fazer um treinamento de passe de futsal, fazer um deslocamento para condução de bola, vamos fazer chute a gol ou fazer um pouco de saque no vôlei né? Ou peteca, qualquer que seja, e proponho de 15-20 minutos de atividade que eles estão concentrados ai é todo mundo, né? Ai pela quantidade de material se pode dividir ou pode fazer circuito para poder aproveitar mais o espaço, as últimas vezes com o ensino médio trabalhava com circuito, ai dividia a turma, o material não era tanto, então dividia em 4 ou 6 estações, eles faziam um pouco de atividade física e um pouco de parte técnica, né? Passe, arremesso e por ai vai. Então e ai depois eu deixava livre, aqueles que quiserem continuar fazendo atividade ou esporte, eles poderiam continuar fazendo ou então, “à professor quero fazer outra coisa” poderia fazer também. Era a maneira que eu tinha de motivar eles a participarem ou podia fazer também, uma aula eles fazem atividade física que eu propunha, e na segunda aula eles ficam livres para fazer o que quiserem, quer jogar só bola joga só bola, se quiser não fazer nada, não faz nada. Mas eu achava melhor fazer sempre os 20 porque cada aula eles estão

fazendo alguma coisa, do que você propor deixar uma aula inteira assim, mas ai cada turma era uma decisão, cada turma tinha uma opção quem preferia fazer as duas aulas fazia 20 minutos cada aula fazendo atividade bem. As vezes nos 20 minutos, as turmas até esqueciam do tempo, fazia até mais. Fazia 30 minutos, fazia 35, esquecia. Então, dava certo entendeu? Mas eu só percebi no último ano nossa aqui mesmo na escola em 2019, com aluno, a quantidade de aluno caiu muito. Ai você chega na aula, falta aluno ainda, já tem pouco aluno, tem turma que tinha dezessete alunos, faltam 4 , 13 alunos ai desses 13 tem uma mulher que ai estou de tpm, ai professor estou com problema aqui, to menstruada e vai, alguém machucado. Então você sempre tinha e tem esses imprevistos ainda, nem todo mundo vai ta bom para fazer exercício, você tinha pouco aluno e pouco aluno você tem. Não é por você não pode motivar poucos alunos a fazer, é até bom, só que perde aquele gostinho dos alunos de competição, de brincadeira com o outro, entendeu? Que as vezes o que estão ali são desanimados, ai como você vai fazer né? Então um pouco de dificuldade é nisso, mas os alunos participam, tentam participar pelo menos.

Entrevistador - E jogos e brincadeiras você ainda usa aqui na escola? Porque como você tinha falado com pessoal mais velho você acha que eles não vão aderir muito e se usa, como são a suas aulas? Quais os jogos e brincadeiras que você tem utilizado?

Entrevistado - os jogos e brincadeiras diminuiu, no ensino médio principalmente diminuiu, assim eu deixo os jogos de tabuleiro disponível na quadra pra eles e quando eu começo as vezes eu faço um jogo entre eles faço duas equipes, uma disputando com a outra por exemplo, um rouba bandeira, uma queimada, fazia alguma coisa assim mais lúdico sem exigência de... mas assim, pelo menos para brincar e para rir entendeu? Então assim tinha turma que participava melhor outras não né? E cada uma tinha um jeito, mas dentro dessa proposta também de que naquele tempo que eu preparei minha aula, preparei assim, vou dar uma atividade para eles em 20-25 minutos eles faziam o que eu queria, entendeu? Ó a brincadeira e assim, se vocês quiserem outra vocês podem inventar outra, não tem problema, deixava disponível também, mas era sempre uma dificuldade, nem toda turma tem essa habilidade de, professor vamos fazer isso? De ir todo mundo, aquele líder entre eles ali. Para eles pegarem e fazer atividade e desenvolver entendeu?

Entrevistador - Às vezes mudar uma regra? Adaptar?

Entrevistado - exatamente. Inclusive uma das atividades que eu to querendo fazer agora, poderemos fazer no trabalho online que eles estão fazendo, eles têm assim, é bolar, dar uns materiais e vocês vão bolar uma atividade, e depois a gente começar a fazer isso também aqui,

entendeu? Deixar eles livres, para eles poderem criar regras, para criarem jogos, aí “não, vamos fazer isso aqui diferente, brincar de tal jeito”, deixar eles criarem. Uma coisa que eu fazia muito antigamente, “hoje vocês querem o quê? ” “A não, isso aqui professor. ” Então vamos. Eles já tinham brincado dessa brincadeira, voltava e lembrava dela, ou fazia diferente, então é um desafio principalmente para o ensino médio, 8º e 9º aí que a turma vai crescendo e não está querendo muita coisa, mas é bom.

Entrevistador - Agora vou te perguntar sobre a pedagogia do esporte, o que é esse tema? Para você conseguir construir uma resposta caso não saiba vou te dar um exemplo. Ela veio como forma de potencializar o ensino do esporte, usando os jogos e brincadeiras como metodologia, por exemplo em um rouba bandeira, você vai adaptar com fundamentos do futebol, a bandeira será uma bola, para retornar usarão os pés, ou o jogo dos 10 passes para ensinar o basquete, recebeu e fez um quique de bola entre as pernas, conta 1, 2... dessa maneira conseguimos colocar todos os alunos dentro da aula, vai trabalhar os fundamentos esportivos da mesma maneira. Quero saber qual a sua perspectiva sobre esse tema, se você já usou na sua aula?

Entrevistado - Poucas vezes, futebol e no vôlei um pouco entendeu? E no basquete também as vezes dava uma atividadezinha de basquete fazia um pouco de brincadeira assim, ne?! Mas, não um trabalho bem elaborado como sua fala deixa claro uma sequência didática de brincadeiras para poder incentivar o esporte, que isso eu nunca fui, é, não fiz um treinamento específico muito forte a respeito, entendeu? Para poder melhorar essa parte da pedagogia do esporte.

Entrevistador - Você acredita que aulas assim, dão certo ou dariam certo com a suas turmas?

Entrevistado - Sim, dariam. Tem muito aluno que gostam de questionar de incentivar os colegas a fazerem, eu acho que daria certo sim.

Entrevistador - como você espera que seja a reação dos alunos com aulas dessa maneira?

Entrevistado - eu acho que dentro da proposta...

Entrevistador - você acha que é positiva ou negativa?

Entrevistado - é uma coisa até interessante, que assim, a aula de educação física é a mais esperada por eles, na hora que chega na aula, eles querem ficar simplesmente fora das 4 paredes de dentro da sala, querem ficar no espaço da quadra, curtindo o ambiente. Ele quer conversar, quer brincar, então acho que isso ele seria interessante para ajudar o aluno a ver que mesmo naquele momento livre ele pode se divertir, entendeu? Sem fazer um esporte propriamente dito ou treinamento esportivo, mas é uma maneira diferente. Eu acho que seria interessante sim.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O PROFESSOR 2

Nome: Francisco Júlio de Sousa

Idade: 52 anos

Cidade: Minduri, mora em Lavras desde 1991

Instituição: Escola Estadual Cinira Carvalho

Quanto tempo na área: desde 1992

Quanto tempo na instituição atual: desde 2002

Entrevistador - agora preciso que você me conte um pouco da sua trajetória na escola. Após a sua chegada o que ocorreu de negativo para a educação física?

Entrevistado - Cara, negativo as vezes é a mudança no projeto do próprio estado, de as vezes, a pesar de dar liberdade para os professores da escola fazerem um planejamento o estado poderia também cobrar um pouquinho dos profissionais de Educação Física e também dar condições, acho que negativo também essa falta de condições tanto de infraestrutura e material, apesar que a nossa escola lá, a estrutura é ótima, tem 2 ginásios cobertos, duas quadras, mas o material em si que a gente poderia adquirir com mais frequência durante o ano, então isso é um ponto negativo que poderia melhorar. E isso da metodologia, eu acho que na minha opinião devia haver uma metodologia que todos fossem obrigados a seguir, todos. À você dar liberdade para dar a sua aula? Sim, mas você teria que seguir a metodologia, começo, meio e fim, o aluno teria que ter uma sequência, igual faz em matemática, igual faz português e todas as outras matérias... A educação física, ela tem planejamento, ela tem um projeto, que é muito bonito, mas na hora que entra dentro da escola aí cada professor da aula do jeito que quer, acho que ai peca muito. Esses são os pontos negativos que eu acho, não acho que tem não só na minha escola, mas no estado em geral, mas também na escola eu acho que o professor de educação física poderia ser um pouquinho mais cobrado ou orientado, a não só rolar a bola e o aluno fazer o que quer.

Entrevistador - se doar mais?

Entrevistado - É, se doar mais. Acho que aí entra a parte também de ética profissional né? Que você é pago para dar aula, então acho que... e valorização da profissão, a pessoa tem que gostar, tem que estar na educação física porque gosta, eu sempre desenvolvi projetos dentro da escola de xadrez, em horário de aula sempre ter um planejamento nem que seja bimestral, com começo meio

e fim. Dentro da realidade da escola também, que pode atingir muitos alunos né? A realidade dos alunos, porque?! É uma escola de periferia, tem muitos alunos também que são carentes, mas que não atrapalha a parte pedagógica, mas tem que ser com a realidade do aluno, então você dá a oportunidade para o aluno também de desenvolver suas habilidades e suas capacidades. São coisas que, são pontos que o profissional de educação física tem que alertar também, tem erros do lado da escola, do estado, mas eu acho que o profissional também tem que pensar um pouquinho, que ele é um professor como um de matemática ou de português, que ele está ali para uma prestação de serviço, além de educar, mas ter uma metodologia que o aluno consiga, desenvolver suas capacidades. Então isso eu acho uma coisa importante como negativo na educação física.

Entrevistador - como já foram os pontos negativos, agora os pontos positivos que ocorreu para a educação física após a sua chegada

Entrevistado - Primeiro que eu sou apaixonado com a educação física, segundo que eu sou apaixonado com a escola, com a escola que por acaso eu fui para lá, quando eu fui em campo belo pegar essas aulas, mas eu conhecia de algum colega que tinha dado aula lá. Então, ponto positivo, é uma escola onde os diretores são muito comprometidos com a educação física. Isso é um ponto positivo, que me apaixonou mais ainda na escola, quando eu cheguei lá fui recebido de braços abertos, todos os projetos que eu apresentei para a escola, sem custo adicional, a escola abraçou, é muito, a educação física lá é muito incentivada desde a época que comecei até hoje. Todos os projetos que você quer desenvolver na educação física, seja extra turno, a escola acolhe, a escola abraça, o espaço físico é muito, tem muito espaço físico, então você pode criar, então esses pontos positivos são fundamentais. E essa troca com, supervisão e direção da escola, isso aí facilita muito o trabalho.

Entrevistador - apoiam né?

Entrevistado - apoiam muito, apoiam a educação física. Mas aí o professor de educação física tem que ter interesse, para que haja um crescimento tanto do profissional, do aluno e da escola.

Entrevistador - e quanto ao esporte? O tema esporte na educação física, com era a visão da comunidade escolar quando você chegou e hoje em dia?

Entrevistado - é essa trajetória do esporte é o seguinte, primeiro que antes a maioria da escola, isso que eu tentei não, apesar que a escola particular que eu trabalhava eu sempre tive esse pensamento, então a escola quando eu cheguei, sempre cultuou o futebol, sempre. Quando eu cheguei não tinha ginásio coberto, era uma quadra poliesportiva e tinha um espaço grama, mas eu

sempre gostei da pluralidade, da diversificação do esporte, eu nunca gostei de futebol para ensinar, sempre adorei o esporte futebol e sempre joguei, mas então para a escola e para a comunidade pensava que educação física era o futebol. Eu nunca concordei com isso porque a educação física não é esporte para rendimento, entendeu? A educação física é para ser um esporte para iniciar o interesse à atividade física, aí futuramente ela gostando do esporte e tendo oportunidade pode ir para um clube ou para outros lugares. Então eu comecei com o que na área do planejamento. Na época que eu comecei não tinha um planejamento, você que tinha que procurar, você que tinha que ir atrás, pesquisar na internet, livros e eu tinha experiência de quase 14 anos de escola pública e particular né? Então eu peguei essa experiência também, e coloquei o esporte na escola, mas coloquei um esporte multidisciplinar, aquele esporte de iniciação, diferente daquele esporte de rendimento, de cobrança de resultado. Mas da criança ter prazer, de um esporte cooperativo, jogos pré desportivos, então comecei o que? O atletismo, para mim a base da educação física, a base do esporte, tinha que ser o atletismo, ele é multidisciplinar. Então eu montei na escola uma pista de atletismo, fui lá marquei com cal, pedi para a escola, por isso eu gostei da escola, a escola sempre deu apoio sempre aprovou meus projetos. Montei uma pista de atletismo, para dar aula na grama, pedi a escola e a supervisora/vice-diretora, mandou fazer e doou a areia, então com isso fizemos uma pista de salto. Aproveitamos isso aí, espaço que tinha físico aproveitamos tudo lá. E o atletismo, inserindo o esporte, o atletismo dava base para tudo. So que os meninos são muito presos ao futebol e eu comecei com o planejamento, introduzindo o vôlei, handebol, basquete e mais futuramente o xadrez. Porque? Para ter uma cultura, da criança e do adolescente, dele aprender um pouco de cada coisa e depois direciona o prazer no que ele quer, então acho que esse esporte. E acho que a comunidade sempre abraçou, sempre abraçou isso aí. E uma coisa importante que eu acho na escola e na educação física é o que? A competição tanto pré desportiva, fazer competições de atletismo e também competição de futsal, de vôlei, que dizer... da oportunidade para a criança que gosta de competir, porque o esporte exclui, mas quando você dá oportunidades iguais para todo mundo na aula toda, na hora que for competir cada um escolhe se quer ou não. Acho que essa oportunidade do esporte na escola foi muito boa.

Entrevistador - e a sua visão do esporte dentro da escola?

Entrevistado - a minha visão do esporte na escola, essa é umas perguntas que eu mais gosto. Eu acho primeiro, estão excluindo um pouco o esporte dentro da escola. Vejo uma culpa aí, primeiro do profissional de educação física, porque o professor tem liberdade de fazer atividade na escola.

O professor de educação física entra na escola muito limitado ou o ex-atleta que só dá o esporte que ele gosta. Na minha visão acho isso errado, o estado não tem um planejamento de esporte para a criança também, na própria educação física. “a, o esporte exclui”, mas depende da metodologia que vai ser trabalhada. O esporte cooperativo não exclui, o método que você trabalha não exclui, a criança ter a oportunidade de conhecer o esporte dentro da escola é uma coisa importante para a vida dela. Então, é, eu acho que tinha que ter um planejamento de incentivar o esporte dentro da escola, multidisciplinar, que da oportunidade de ser competitivo, mas no determinado momento certo, não obrigar a criança. Que faz falta, tem criança que gosta de competir e tem criança que não. Porque as crianças que não gostam de competir não vão ser excluídas. Os que gostam de competir também, não vão ser excluídos porque vão gostar de competir. Então o esporte na escola tem que ser mais incentivado, porque é pouco incentivado, porque tem uma cultura de dar uma bola, ainda hoje, da uma bola pro menino jogar futebol e uma para as meninas jogarem queimada, hoje tem menina que joga futebol, mas aí você exclui o restante e o problema é esse, o professor que não fica atento a inserir esse esporte, o aluno acaba o que? Visando só a internet, o celular. Desmotivando, e com razão, Sem interesse, se não tiver interesse primeiro do professor eu acho que os alunos não tem interesse. Então esse esporte na escola tem que ser assim, tem que ser multidisciplinar, não voltado para rendimento, não voltado para a competição. Mas se tiverem interesse em competir que também eles sejam motivados para isso. Então essa é a minha visão do esporte na escola

Entrevistador - agora a gente precisa conversar como conversamos de esportes, só que agora sobre jogos e brincadeiras, como você via, viu e vê hoje a comunidade escolar em relação aos jogos e brincadeiras tradicionais.

Entrevistado - como eu na escola Cinira, eu vejo muito pouco esses jogos e brincadeiras tradicionais, apesar né? Eu dou aula do 6° ao 9° ano, apesar que a criança da escola Cinira, ela brinca na rua, brinca mais na rua que outras escolas, principalmente as particulares, por ser escola da periferia, muito aluno brinca na rua. Agora essas brincadeiras, esses esportes, essas brincadeiras tradicionais e jogos, eu acho que deveria ser mais incentivado, dar oportunidades para eles criarem, eu acho que ainda é muito pouco, mas lá ainda tem, principalmente de 1° ao 5° ano que tem outra professora, mas nesse 6° ao 9° que eu dou aula, eu tento incentivar também. Mas essas brincadeiras hoje, eu vim, nasci em cidade muito pequena então desde que era pequeno sempre brincava na rua, era só brincadeira de rua, então eu gosto hoje de incentivar essas brincadeiras, eu acho essas

brincadeiras muito importantes, mas acho que estão diminuindo muito nas escolas. Primeiro que as escolas não têm espaços, a escola Cinira tem, mas também não é muito praticado, não é muito incentivado. Ai que eu acho que o planejamento, apesar que BNCC vem falando muito de jogos e brincadeiras, achei muito interessante também essa parte, mas devia ter uma metodologia assim, de ter, do professor ter que dar, avaliar essas atividades e reformular junto com a escola. Mas fica bem a desejar, as crianças hoje brincam muito pouco, até na hora do recreio que você vê a comunidade, estou falando especificamente do Cinira, você vê na hora do recreio que as crianças brincam de correr, as brincadeiras tradicionais de rua que eles ainda brincam, mas muitos ainda hoje são sedentários que tá crescendo muito, muitos ainda apesar que na escola não é permitido celular, mas hoje eles tem esses jogos muito parados ou não gostam de jogar nada, então isso preocupa. Mas os jogos e brincadeiras na escola ainda tem uma cultura, ainda tem, as crianças ainda brincam, mas ainda é pouco, poderia ser mais incentivado e trabalhado com os professores também.

Entrevistador - e agora sua visão sobre jogos e brincadeiras?

Entrevistado - a minha visão é que isso aí é importantíssimo, toda criança, todo adolescente e todo adulto deveriam ter sempre jogos e brincadeiras, porque é a cultura do ser humano, é o brincar, o viver, o desenvolver habilidades, o criativo que os jogos e brincadeiras permite assim, e outra, os jogos e brincadeiras permitem qualquer um brincar. Eu acho que a inclusão dos jogos e brincadeiras que é importante, que eu creio muito e acredito muito. Porque você não exclui, brinca quem quiser brincar e você cria regras, você improvisa. Então a minha visão é essa, deveria ser mais estimulado. Eu gosto muito de jogos e brincadeiras, é uma coisa que na educação física deveria ser mais incentivada.

Entrevistador - agora vamos falar mais específico das suas aulas. Como é trabalhado os esportes dentro das suas aulas?

Entrevistado - nas minhas aulas, desde quando eu cheguei na escola, não tinha planejamento do estado, você tinha que buscar algumas informações, o estado tinha apostilas BNDL, mas eu sempre planejei o que? Quantidade de aulas no ano, ou bimestre divididos de acordo de como o estado divide, e sempre procurava trabalhar no mínimo 4 a 5 esportes possíveis, dentro da realidade da escola e dando oportunidade deles pelo menos conhecerem, um período que dê para o aluno dentro da metodologia da educação física que você consiga introduzir, ele consiga vivenciar e você consiga avaliar, não que ele vire um expert no esporte, mas que ele tenha uma noção básica do

esporte, então planejo sempre assim, durante todo ano pelo menos os esportes mais tradicionais e principalmente a parte que dê para você dar na escola, então o atletismo é base e com pouco espaço você faz, o futebol que é ai tradição nacional, o vôlei, o basquete, o handebol e também introduzindo jogos como o xadrez

Entrevistador - os jogos e brincadeiras são trabalhados nas suas aulas? E como são realizados?

Entrevistado - os jogos e brincadeiras, por exemplo, toda faze ou todo período do esporte que tem, então não é introduzido o esporte, só aquele esporte metodológico, o esporte de quadra mesmo, eu trabalho brincadeiras que estimulem o esporte e que estimulem o raciocínio brincadeiras das crianças ou dos adolescentes, que eu trabalho do 6° ao 9°, então tem crianças e adolescentes, então os jogos e brincadeiras são inseridos dentro dos esportes, jogos cooperativos que estimulem eles a cooperar, trabalhar, pensar, desenvolver e familiarizar com o esporte. Então eu tento sempre esses jogos e brincadeiras estão inseridos no período pedagógico que eu vou trabalhar aquele esporte, para que eles possam primeiro gostar, brincar, mas também desenvolver a noção do que é o esporte, junto com regras que vão fazer ele familiarizar com esse esporte ai.

Entrevistador - primeiro eu tenho que explicar o que é a pedagogia do esporte, é o que eu estudo e ele consiste em ensinar o esporte através de jogos e brincadeiras, ou seja, vou adaptar, vou fazer um rouba bandeiras, a bandeira se torna uma bola de futebol, o objetivo da aula não é ensinar o jogo, eu uso ele como ferramenta para ensinar o esporte futebol. E queria saber se você usa ou já usou essa metodologia de ensino nas suas aulas?

*Entrevistado - sim, a pedagogia do esporte eu uso porque eu acho interessante, estimulante e pedagógico, porque quando você planeja uma brincadeira, você pensa ela num desporto ou num esporte que você quer, então você cria mecanismo para a criança conhecer, praticar e estimular ela a vivenciar esse desporto. Então o pré desportivo e a pedagogia do jogo, acho muito interessante e muito importante, e aplico nas minhas aulas, porque o seguinte, ela abrange desde de criança e adolescente até adulto, até no ensino médio se você souber trabalhar ela é bem aceita. Metodologicamente você vai analisando bem, igual nos falamos, o problema é você observar o grupo, as habilidades do grupo e você adaptar esse jogo a esse grupo, porque acaba que são atividades que são o que? São prazerosa, toda atividade prazerosa joga uma intensidade para o aluno, porque acaba que é prazeroso ele quer brincar, ele quer ganhar, ele quer jogar... então as vezes as habilidades, não é que seria comprometida, mas as vezes nem todo mundo tem aquela

habilidade para fazer aquilo, mas aí você avaliando o grupo ou modificando as atividades até durante a atividade mesmo, então eu sempre uso.

Entrevistador - qual a sua visão sobre o tema pedagogia do esporte?

Entrevistado - a visão sobre o tema pedagogia do esporte, desde a primeira vez que eu li sobre pedagogia do esporte ou vi alguns autores como Pablo Juan Greco e alguns outros, eu fiquei encantado porquê? Porque é exatamente aquilo que eu desde criança trabalhava sem saber, que é o jogar na rua, o brincar, jogar queimada, jogar peteca que era fabricada com a própria mão que era de palha, rouba bandeira... isso aí me encantou porquê? Depois que eu descobri como profissional de educação física, por isso sempre incentivei a pedagogia do jogo nas minhas aulas e como profissional de educação física também, porque eu aprendi a jogar voleibol porque a gente jogava futebol na quadra e os adultos que gostavam de jogar vôlei na quadra, chegavam e armavam a rede e tiravam a gente, e nisso aí alguns irmãos dos adultos que iam jogar vôlei tiveram a ideia de montar uma redinha na grama ao lado da quadra, como eu gostava de jogar e não gostava de ficar parado, vamos lá brincar, não sabia nem como era direito, como tinha habilidade de não deixar a bola cair, sem fundamento, mas as regras “ó, não pode fazer isso, pode fazer aquilo” mas tinha habilidade de jogar. Comecei a ter um prazer, um gosto pelo jogo. Então isso, principalmente depois que comecei a estudar educação física gravou na minha mente, aí hoje essa pedagogia do jogo, quer dizer, se você desenvolve as habilidades das crianças com a pedagogia de jogos e brincadeiras, a hora que você vai passar para um jogo propriamente dito você tem habilidades desenvolvidas, você vai precisar apenas trabalhar o que? Os fundamentos do jogo, ensinar os fundamentos e também regras.

Entrevistador - você acredita que aulas assim dão ou dariam certo nas suas aulas?

Entrevistado - não só acredito como eu aplico nas minhas aulas, mas eu acredito que dão certo não só nas minhas turmas, em outras turmas já vi outros professores na minha escola, professores que hoje não estão lá, dando esse tipo de atividade, pedagogia do jogo, dando jogos e brincadeiras em parte da aula, usando uma parte da aula, porque os meninos do ensino médio querem o que? Jogar futebol, as meninas as vezes querem jogar vôlei ou tem menina que quer jogar futebol com os meninos, mas tem o grupo que as vezes se você não der algum tipo de jogo, não joga nada, então isso eu vi professora dar essas atividades, a gente conversava muito. Ela usava uma parte da aula para dar esses jogos e depois deixava os alunos jogarem o esporte que quiserem.

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O PROFESSOR 3

Nome: João Paulo da Silva

Idade: 40 anos

Cidade: Lavras, Minas Gerais

Instituição: Escola Municipal Sebastiao Botrel Pereira

Quanto tempo na área: 8 anos

Quanto tempo na instituição: 8 anos

Entrevistador - Mais sobre a sua trajetória na escola, eu queria saber o que aconteceu nessa trajetória, desde quando você entrou a 8 anos atrás, o que ocorreu de negativo para a educação física?

Entrevistado - De negativo?

Entrevistador - Isso.

Entrevistado - Vamos pensar aqui. De negativo, as vezes um pouco de, no começo era um pouco com falta de estrutura que agora podemos dizer que melhorou bastante, bastante mesmo, na questão de materiais entendeu? Mas agora não tenho o que reclamar mais não, isso foi só no começo mesmo, hoje em dia não posso reclamar não, porque hoje eu tenho bastante material está até sobrando, entendeu? Vamos dizer assim, isso foi o negativo quando começou, outra parte negativa também que eu posso dizer é a questão pessoal de algumas pessoas da escola querer intrometer no meu espaço de trabalho, por exemplo usar o meu, achar que a minha aula, por exemplo: “ah, você esta levando fulano de tal para a quadra, mas ele não vai fazer educação física hoje não, porque ele fez bagunça na sala”. Só que assim eu acho isso ruim demais, nunca deixei não, eu falei, conversei com as professoras e falei: “Não uai, na minha aula é uma coisa e na sua aula é outra”. Então eu acho negativo, porque eles veem a educação física como um troféu ou um premio, pela boa conduta, pela boa participação, pela vamos dizer assim né entre aspas “por estar disciplinado na sala”, então eu vejo assim, só que eu nunca deixei não porque a minha aula é a minha aula e a aula dos outros é a dos outros, eu não me intrometo nas aulas de ninguém. Então não aceito que intrometa na minha. É e outra coisa que eu vejo de negativo, eu já falei da estrutura de materiais, e tem também a estrutura física da quadra, eu tenho, vamos dizer assim que eu tenho uma “goteira de estimação lá”, mas goteira não posso dizer que é mais uma cachoeira, porque tem uma calha lá que faz 4 anos

que está atrapalhada lá e toda vez que chove ela derrama uma cachoeira no canto da quadra que enche a quadra toda, e para você ver até hoje não conseguiram arrumar isso, fizeram uma “gambiarra” uma vez, mas na parte estrutural mesmo na parte física né?

Entrevistador -E isso interfere nas suas aulas né?

Entrevistado - é interfere nas minhas aulas, porque quero dar aula ali, mas tenho que chegar e tirar a água para depois eu começar a dar aula entendeu? Ai nesse momento as crianças ficam lá esperando, porque tipo assim se eu pedir para poder tirar eles até tiram, mas tiram na hora que eles podem tirar entendeu? Eles não tiram na hora que eu quero na hora que eu preciso, entendeu? Então as vezes eu pego meto a mão no rodo e eu mesmo tiro a água. Ai você fala assim, Mas porque você não dá aula na sala? “não uai, eu tenho que dar assim, não que eu não tenha que dar aula na sala, mas na quadra que é minha sala de aula, então eu tenho que esteja em condições de eu dar aula.

Entrevistador - ótima resposta João Paulo, obrigado. E o que ocorreu de positivo agora, da sua chegada na escola para a educação física?

Entrevistado - de positivo?

Entrevistador - isso, desde a sua chegada até hoje.

Entrevistado - então, ai eu volto também na questão de materiais né, igualzinho eu falei, não tinha nada e agora eu tenho muito, eu tenho muito material mesmo que não ta nem cabendo dentro da minha sala mais de tanto material que tem entendeu? Assim, pode dizer que a educação física não é feita só de matérias, de bola, de raquete, de tudo... mas, faz parte também, ter uma bola boa, ter mais de uma para o aluno estar ali usufruindo dela, estar manipulando ela.

Entrevistador - é o professor se sente motivado a dar aula não é?

Entrevistado - isso, se sente motivado entendeu? Motivação extra né, outra coisa também de positivo, é que eles entenderam um pouco a questão da minha aula. Por exemplo a festa junina que queriam ensaiar na minha aula né? Então tipo assim, a minha aula na e pra ensaiar festa junina né? Não é para ensaiar 7 de setembro, hoje eles entenderam isso que a minha aula é tão importante quanto a de todo mundo, então eu vejo isso positivo que já não me, como era no começo, já não me atrapalham tanto nessa questão, de querer, “ah não, vou precisar da sua aula para fazer isso e aquilo”, eu falo não, faz assim ó: eu dou aula tal dia, e tal dia não dou aula, no dia que eu não dou aula vocês utilizam para fazer ai o que vocês quiserem na quadra. Ensaia alguma coisa ou outra, hora cívica e tudo.

Entrevistador - e quanto ao esporte da escola, como era a visão da comunidade, outros professores, diretoria, os alunos e os pais. Como era a visão da escola?

Entrevistado - do esporte? Como ele era?

Entrevistador - isso, como eles viam o esporte?

Entrevistado - eu penso assim, eu interpreto assim, que eles viam muito como aquela questão de competitividade, de vamos dizer, perdi a palavra aqui, a esportivização de tudo, tipo assim: “ah, ele ganhou. Faz assim senão não vai ganhar”. Então eles viam muito isso, mas eu já penso um pouco diferente, que a escola, a educação física escolar ela é um pouco diferente, eu não estou lá para ensinar ou treinar um time de futsal, ou de vôlei, ou de handebol, ou de basquete, eu estou lá para dar educação física escolar, para dar a educação física da escola, que a partir do momento que eu dou, eu uso minha aula para poder estar treinando, eu vejo que minha aula vira uma, um momento de exclusão, porque nem todos os alunos tem a mesma aptidão, a mesma desenvoltura para determinar as atividades. Então a partir do momento que eu for treinar eu vou estar selecionando, vamos dizer assim eu teria que selecionar os melhores como se fosse disputar um campeonato, mas não, se eu dou aula para todo mundo então todos têm que estar participando.

Entrevistador - preciso que você me fala qual era a sua visão? Do esporte quando você entrou na escola e qual é a sua visão, se teve alguma mudança?

Entrevistado -quando eu entrei e quando... a minha visão agora que você quer dizer?

Entrevistador - é a sua visão, agora.

Entrevistado - entendi. Eu sempre pensei assim, igual eu acabei de falar para você entendeu? Eu a partir do momento que eu uso o esporte para poder treinar, eu estou excluindo, então eu tive, eu me formei no Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), então lá tipo assim, aula de... a gente tinha uma prática, a prática de educação física né? Era muito voltada para isso, para a educação física escolar. E muitos lugares você vai ver diferente, muitos lugares que tem professores que pensam de maneira diferente, não estou dizendo que eles estão certo e eu estou errado, e vice-versa, só estou dando minha opinião, que a educação física escolar, ela não pode ser esportivizada, que a partir desse momento eu acabo excluindo, porque por exemplo, tem um aluno lá que tem alguma deficiência, se eu selecionar, eu acabo desestimulando ele a participar da aula. Então assim eu posso dizer para você que na minha aula de educação física eu tenho a dizer que eu tenho 100% de participação dos meus alunos, todos participam das aulas, na educação infantil ao quinto ano, não fica ninguém lá sentado, mexendo no celular, porque eu tenho que fazer o que?

Tenho que fazer uma coisa que eles gostem, que assim, faz um sentido para eles, para que eles possam participar, porque tem que participar todos né? Porque ficar um de fora ou ficar dois, ai já não estou conseguindo atingir o que eu estudei, o que eu aprendi na escola, na faculdade. Eu penso assim

Entrevistador - bom, agora vamos trocar para o tema jogos e brincadeiras, como que era visto esse tema jogos e brincadeiras pela comunidade, vendo os outros professores, vendo até os funcionários, os alunos, se eles já tinham o costume de aulas que continham jogos e brincadeiras ou se isso veio após a sua chegada?

Entrevistado - assim, eu posso dizer a partir do momento que eu cheguei, não sei falar como que era. Mas assim, é um conteúdo muito forte na escola, um conteúdo muito forte, a gente sempre trabalha, as crianças gostam muito. A gente sempre traz uns jogos e brincadeiras novos para eles, a gente resgata as que os pais faziam para poder mostrar para eles como que era, a gente pergunta também. Quando eu começo a trabalhar jogos e brincadeiras eu costumo pedir para eles perguntar os pais, de como os pais brincavam, porque assim, estamos em um momento diferente, até agora estamos em um momento mais diferente ainda nesse momento de pandemia. Então estou trabalhando jogos e brincadeiras com eles também. Nossos primeiros PACs são os planos de atividades em casa, são os jogos e brincadeiras. Então a gente trabalha bastante isso e é bem visto pela comunidade, todo mundo gosta, as vezes o pessoal da escola, a supervisão vai lá olhar, ver se todo mundo está interagindo, está brincando, está gostando, está se divertindo.

Entrevistador - você disse que os pais ajudam também.

Entrevistado - oi? É os pais também. Que eles acabam se, quando você faz esse questionamento para eles, de como foram as brincadeiras que eles faziam, acabam vindo à tona uma brincadeira assim, que não é costume mais agora, aí você acaba falando para eles ó, explicando para alguns que não sabem, mesmo os pais explicando para o filho dele, mas as crianças na escola não sabem, entendeu? Que brincadeira é aquela. Ai você acaba explicado, a gente aprende brincadeira nova que hoje em dia tem umas brincadeiras novas que as crianças traz para a gente. Um dia eu também fiz esse questionamento para eles, pedi para eles colocarem no papel do que eles brincavam né? Tinha brincadeiras que eles brincavam que eu não sabia que brincadeira era essa, que eu nunca tinha brincado. Ai acabei assim, aprendendo também um pouco, com essas brincadeiras deles.

Entrevistador - e a sua visão para os jogos e brincadeiras? De quando você entrou e agora atualmente?

Entrevistado - a cara, mudou um pouco, mudou um pouco. Porque, eu fiz até uma disciplina no mestrado com o Fábio e com o Kleber, né? Uma disciplina que eles dão no primeiro semestre do mestrado, uma disciplina de jogos né? Então assim, as vezes o que a gente pensa que é jogo não é jogo, a gente pode dizer também o jogo como diz alguns autores que a gente aprendeu lá, né? Ele é imaterial, então assim, segundo... “ele meio” que não existe né, tem que ser uma coisa que resgata a criança, deixa aquela criança totalmente focada naquilo, sem ela assim, perceber que o tempo passou, ela tem que ser tomada né? Tem até um autor que é João Batista Freire que ele fala do senhor do jogo né? O senhor do jogo ele... a criança quando é capturada pelo senhor do jogo, então ela não vê que o tempo está passando, não vê o que está ao redor dela, então assim... é um tema muito, muito, muito interessante de se estudar, de se lidar, a gente tenta ao máximo tentar trazer isso para a escola.

Entrevistador - nossa, muito bom. E agora a gente vai falar mais sobre as suas aulas, as aulas que você propõe como tema o esporte, como elas são realizadas?

Entrevistado - como elas são realizadas? É então, por exemplo, vou dar o exemplo do handebol. Modalidade esportiva handebol, eu sempre começo com uma contextualização, falando assim, por que eles conhecem? Se eles já viram, se eles já jogaram, se eles sabem como que joga, para eles me darem umas características desse esporte, depois eu trago para eles uma questão assim... um vídeo de um jogo, que as vezes eles não estão lembrado do que eram e a partir de um vídeo já falam: “ah, já vi isso já, já joguei isso já”, ai eles acabam lembrando né? Então eu trago mais ou menos assim e depois vamos trabalhando, é, a gente assim por exemplo, igual você falou e fez uma pergunta anterior para mim, “como era minha visão antes e agora”. Antes eu era aquele cara meio que tecnicista, eu trabalhava só técnica, eu ia lá colocava cone, vai lá e dribla o cone, faz um passe ali, ele volta e passa para cá. Mas hoje em dia não, eu já tento englobar nesses fundamentos, não que eu não deixe de dar os fundamentos, os passes, os dribles, arremessos e chutes... assim, geral que eu estou falando de todos os esportes né? Mas esporte que eu estou falando, os mais tradicionais né? Não que eu não dê os outros também, mas estou dando exemplo aqui dos esportes de quadra mesmo, os quatro né? Futebol, vôlei, basquete e handebol. Hoje em dia eu tento fazer alguns minijogos, entendeu? Minijogos que eu vejo que eles conseguem se apropriar do tema, do conteúdo, melhor. Antigamente não, antigamente eu era meio tecnicista. Eu falava assim, vamos jogar hoje mas faz só drible, só quicar a bola, só condução da bola, só passe. Hoje em dia não, hoje em dia eu já consigo ver, que fica melhor para eles né? Ta assimilando melhor quando eu coloco

uns minijogos, que vou estar trabalhando todos esses fundamentos e vejo que tem uma interação melhor.

Entrevistador - e as aulas, agora com as aulas de jogos e brincadeiras como tema, aqui eu estava perguntando, mas você já respondeu. Como você usa, como são elas?

*Entrevistado - como são elas? É... eu tento fazer o mesmo padrão dessas dos esportes, eu começo contextualizando, as vezes a brincadeira aqui tem um nome, mas em outro lugar tem outro, as vezes eu trago para eles os nomes das brincadeiras em diferentes lugares aquela mesma brincadeira, como ela é chamada, quantos nomes ela tem diferente, as vezes a gente conta com alunos que chega de outros locais, de outros estados ou outras cidades mesmo, que eles chegam e falam “ah, eu conheço essa brincadeira com outro nome”, então isso é bom para eles poderem ter esse conhecimento e deixo o mais livre possível, mas sempre contextualizando, para eles saberem da onde surgiu, como surgiu, aonde surgiu, como que se brinca ela, dou também a opção para a gente poder mudar a atividade. “O que vocês acham de fazer? O que a gente pode fazer diferente nessa atividade?” as vezes a atividade está um pouco assim, meio que monótona ai eu falo para eles assim: “o que a gente pode fazer para... quando eu percebo isso, eu falo assim como eu posso fazer para melhorar essa atividade?” ai eu colo eles também, para a gente mudar, a gente muda a regra com o consentimento de todos, para eles entenderem que tem algumas regras diferentes. Ta certo?

Entrevistador - é, e você já usou a pedagogia do esporte nas suas aulas? Aqui eu até deixei escrito que tenho que explicar o que é a pedagogia do esporte, até acredito que você saiba pelas suas respostas, pelas suas referências, mas como protocolo eu tenho que te explicar como funciona. A pedagogia do esporte veio para ensinar o esporte mesmo, mas vai usar os jogos e brincadeiras como ferramenta didática, então o que eu vou fazer? Vou criar um jogo de queimada para ensinar o futebol, de queimada não, de rouba bandeira, me desculpe. Eu troco a bandeira por uma bola de futebol, você vai atravessar normal e na hora de voltar, você vai voltar conduzindo, passando a bola e trabalhando a recepção também. Nessa aula o objetivo são esses 3 fundamentos, passe, recepção e condução de bola no futebol. Eu podia fazer diferente? Deixar um de frente para o outro trocando passe, conduzindo? Podia, mas usar o jogo é o objetivo da pedagogia do esporte de tirar esse negócio do tecnicismo do jogo propriamente dito usando a brincadeira, de forma que todo mundo participe e que eles estejam próximos da situação real de jogo, porque vão tentar roubar a bola dele como se ele estivesse jogando futebol “de verdade”, mas ele está dentro de uma brincadeira onde outras pessoas participando todos juntos, os que tem mais afinidade com a bola,

vai conduzir a bola, os que não tem, às vezes vai criar estratégias para isso, então fica uma forma de interação em conjunto invés de pessoas ficarem de fora esperando o time perder para entrar. Aí, eu queria saber se você já usou aulas dessa forma nas suas aulas?

Entrevistado - então, igual eu te falei né? Eu comecei a fazer a disciplina do Fabio, ai lá eu aprendi isso. Só que a gente não chegou a usar na escola, eu tenho esse entendimento agora que você falou ai, entendeu? Igual eu posso dizer outro cenário, os jogos de oposição, trabalhar lutas com jogos de oposição, eu usei a pedagogia das lutas no caso entendeu? Com jogos de oposição, agora com os outros jogos eu não cheguei a usar porquê? Porque quando eu comecei eu não sabia assim, esse conhecimento né? Ai quando eu comecei a fazer a disciplina do Fabio, que foi no início do ano passado, a gente começou, a gente teve duas aulas presenciais ai depois entrou a quarentena, entrou essa pandemia. Então eu não tive essa oportunidade né? A gente está a mais de um ano sem ir para a escola com os alunos e eu não tive a oportunidade de trabalhar com eles assim ainda, mas eu já tenho esse conhecimento. Teve várias palestras, com o Alcides Scaglia, com outros nomes da pedagogia dos jogos, pedagogia dos esportes. E assim foi muito enriquecedor, e assim é um tema muito interessante né, um jeito bem diferente, bem didático, bem mais prático entendeu? Do que igual te falei de ficar no tecnicismo né? Então por exemplo, eu não cheguei a usar, na verdade usei até sem querer podemos dizer assim, quando eu disse que não estava mais naquela parte mais tecnicista né? Eu usei alguns minijogos até sem saber, dessa questão. depois que eu fui ver, eu disse: “então é caminho mesmo que eu estava trilhando.” E a gente pode usar esses minijogos para interagir todo mundo, igual você falou, não precisa ficar uma turma de fora sentada esperando, eu posso estar englobando todo mundo, não vou deixar de fazer os fundamentos, mas vamos estar fazendo aquele jogo de maneira diferente do que o jogo em si, o jogo propriamente dito né? Então está fazendo a mesma coisa, e agora está sendo mais assim, mais divertido, mais diversão para eles, um jeito mais agradável de estar ensinando para eles. Então assim, eu já usei como te disse antes, mas não querendo, usei até sem querer. Mas a pedagogia dos jogos e do esporte, eu tenho esse conhecimento.

Entrevistador -é isso que você me falou, quando chegou esse conhecimento você usou e viu que estava no caminho certo.

Entrevistado - então eu cheguei a usar bastante os jogos de luta de oposição. Nas lutas, a oposição eu cheguei a usar. Ai fazia, por exemplo... para você ver foi até um jeito meio desafiador demais, porque trabalhar lutas online na educação física, foi assim, bem desafiador. Achei interessante, eles

gostaram muito, entendeu? Só que acabei usando os jogos de oposição. Eu colocava o pai para brincar com o filho, a mãe e a avó para brincar com o filho, fazer uma brincadeira de queda de braço, de lutas dos prendedores. Usando um jeito assim, não era a luta propriamente dita, mas acabava trabalhando tipo, igual, vou dar um exemplo: se eu trabalho o soco né? Então por exemplo, o soco, a esquiva... na luta de prendedores ele vai ter que estar esquivando para o oponente não pegar o prendedor dele e ele vai ter que estar usando a mão para poder pegar o prendedor, né? Que se assemelha ao soco. Então vai estar trabalhando tudo isso através de um jogo, uma brincadeira.

Entrevistador - sem ter aquela carga pesada do esporte.

Entrevistado - ficar ali, dá 10 “jab’s”, dá 10 diretos... entendeu? Então eu acabei, assim essa questão da disciplina me ajudou muito nessa questão. eu pude ver de maneira diferente, entendeu? Invés de ser uma maneira tecnicista eu usei os jogos, né? Então para falar que eu não usei, eu não usei nos esportes, mas usei nas lutas.

Entrevistador - entendi perfeitamente. E qual a sua visão sobre esse tema pedagogia do esporte?

Entrevistado - a minha visão é, que é muito interessante. Gosto muito. Pretendo usar sempre, porque eu vejo que é muito mais, como se diz, vejo que é muito mais divertido, mais prazeroso. Para as crianças, elas se envolvem mais.

Entrevistador -você acredita que aulas assim dão ou dariam certo nas suas aulas?

Entrevistado - sim, acredito. Acredito sem sombras de duvidas nenhuma.

Entrevistador - e como você espera que seja a reação dos alunos ao aplicar aulas dessa maneira?

Entrevistado - qual seria a reação deles?

Entrevistador - como você espera que seja a reação deles?

Entrevistado - a cara eu espero que eles fiquem, vamos dizer assim... não sei se a palavra é essa, mas “enfervecidos”. Porque o jogo você dá para eles, as vezes acaba ali na quadra, mas quando você tá indo lá para a sala eles continuam entendeu? Então assim, eu acho que eles vão gostar muito. Acredito eu que sim, pelo que eu tive de experiência com as lutas, eu acredito que eles vão gostar muito.